

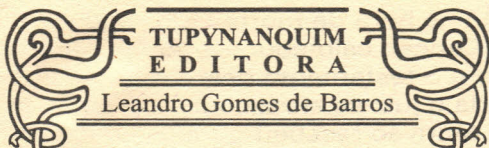
Leandro Gomes de Barros

A vida de **CANCÃO DE FOGO** e seu testamento



*CANCÃO - Ave da fauna nordestina, muito irrequieta e astuta.

TUPYNANQUIM EDITORA/ ABC- ACADEMIA BRASILEIRA DE CORDEL — Capa: Klévisson Viana — 1.ª Edição — Fortaleza, outubro de 2002



**A VIDA DE CANÇÃO DE FOGO
E SEU TESTAMENTO**
(Volume 1)

Leitor, se não se enfadar
Desta minha narração,
Leia a vida deste ente:
E preste toda a atenção,
Que foi o quengo mais fino
Desta nossa geração...

Pois ele, desde criança,
Sabia a tudo iludir;
Estradeiro muito velho
Não o pode competir:
O Cancão nunca armou laço
Que alguém pudesse sair.

Cigano, que no Egito
O temiam como a um lobo,
Entre todos os ladrões
Era o professor do roubo,
Chegou aqui no Brasil:
O Cancão fez dele um bobo...

Até na hora da morte
O Cancão caloteou;
Com o testamento dele
Inda o juiz se enrascou:
O escrivão recebeu
Um processo que tomou...

Na vida dele, houve caso
Que fez chamar a atenção
(Muita gente talvez pense
Que seja exageração):
Ia um ladrão roubar ele,
Ele roubava o ladrão.

Agora vamos saber
Quem era esse tal Cancão;
Descrever os sinais dele,
Costumes e propensão,
Para podermos entrar
Em sua apreciação.

Cancão era um apelido
Que os irmãos lhe puseram;
Pelas travessuras dele
Esse apelido lhe deram,
Por ele nunca querer
O que os parentes quiseram.

Ele era branco, moreno
De olhos agateados
O rosto largo, pequeno;
Os cabelos estirados
Não eram pretos nem louros:
Eram quase acastanhados.

O corpo, muito franzino
E muito pouco comia;
Vivia sempre pensando...
De noite, pouco dormia,
Não confiava em ninguém
E nem contava o que via.

No quengo é que não se sabe
Dar dele uma descrição;
Só posso classificá-lo
Como uma aberração,
Um caso extraordinário:
Enfeites da criação.

Porque admira a todos
Esse ente se criar
E enganar todo o mundo
E ninguém o enganar?
Nunca achou um estradeiro
Que o pudesse enrascar.

- 03 -

Roubar objeto algum
Isto não, nunca roubou;
Mas em negócio, com ele
Nunca ninguém se salvou:
Desde a igreja à justiça,
Tudo isso se queixou...

O pai de Cancão de Fogo
Foi um homem preparado,
De muitos bons sentimentos
E muito bem arranjado;
Mas a sorte, neste mundo,
Dá e tira, como um dado.

Por isso Cancão, um dia
Estava numa discussão;
Disse a um irmão da mãe dele:
— Homem algum tem distinção!
A vantagem do fiel
É a mesma do ladrão.

— Já tenho quase dez anos,
nunca ouvi dizer assim:
“Pedro escapou por ser bom,
Paulo morreu por ser ruim”...
Bom e mau, bonito e feio
Tudo tem o mesmo fim!

Cancão tinha treze anos
Quando andou perto da morte:
Foi passar um rio cheio,
A correnteza era forte
(Desta vez, quase a desgraça
Faz ele mudar de sorte!).

- 04 -

O Cancão, já se afogando
Estava bastante vexado
Quando passou um cavalo
Que ali morreu, afogado;
O Cancão saltou em cima
E disse: — Estou embarcado!

Os irmãos bateram palmas
Quando viram ele cair...
Disseram em casa: — Nós vimos
O Cancão se consumir!
Afogou-se nesse instante...
Ali deitaram, a sorrir.

A própria mãe de Cancão
Não deu sinal de sentida
Quando trouxeram-lhe a nova
Da desgraça acontecida.
Disse: — Ele não prestava;
Não perdeu nada na vida...

Cancão saiu no cavalo
Com as pernas a remar;
Tocaram numa barreira,
Cancão pôde se salvar.
Disse ele: — Bom cavalo,
Que faz o dono escapar!..

O Cancão entrou em casa,
Pôs tudo surpreendido;
Principalmente os que viram
Quando ele tinha caído:
Já tinha corrido a nova
Que Cancão tinha morrido.

- 05 -

A mãe dele perguntou-lhe:
— A morte, então, não te quis?
— Quem não quis — disse Cancão —
Foi o esforço que fiz!
Graças a um cavalo morto,
Que foi quem me fez feliz...

Cancão de Fogo já tinha
Nove ou dez anos de idade,
Quando o pai dele morreu...
Deixou-os em necessidade;
Cancão quando soube, disse:
— Isso não é novidade!

— Mamãe está sem marido,
Por isso não vá chorar;
Eu também fiquei sem pai
Porém, sempre hei de passar...
Ela pode achar marido —
Pai é que não posso achar!

— Eu digo, como o macaco
A um, outro respondeu
Quando ele disse: “Meu mano,
Sua mãe hoje morreu!”
Disse-lhe, então, o macaco:
“Por isso esperava eu!..”

A mãe de Cancão de Fogo
Decidiu-se a trabalhar;
Cancão de Fogo não quis
A isso se sujeitar,
Dizendo: — Não tenho força
Para o serviço acabar...

Agora, para viagem
Ou para qualquer mandado
Achava-se de prontidão,
Não se mostrava enfadado;
Ninguém conseguia dele
Era trabalho pesado...

Todos na casa queriam
Ver o Cancão se acabar;
Dizia o Cancão de Fogo:
— Pode tudo me odiar...
Amor não enche barriga,
Ódio não faz empachar!

— Minha mãe acha que fez
Favor ter-me concebido...
Eu cá, sim, fiz-lhe um favor:
Livrei-a de ter morrido!
E o que seria dela
Se eu não tivesse nascido?

— Se ela deu-me de mamar
(Que eu não sei, ela é quem diz),
Eu não lhe pedi o peito;
Se me deu, foi porque quis!
Em eu lhe vazar os seios
Foi um favor que lhe fiz...

— Eu cá só devo favor
Ao sol e à água do rio:
A água, porque a bebo
E tomo banho no estio;
Devo ao sol, porque me esquenta
Nas horas que tenho frio...

- 07 -

Um dia, disse a mãe dele:
— Não tenho o que almoçar!
O Cancão de Fogo disse:
— É fácil se arranjar,
O mundo é uma despensa
Tem o que se procurar...

Então, a mãe dele disse:
— Só se for comprar fiado...
Eu morro, porém não compro!
Deus bem vê o meu estado:
Seu pai morreu sem dever,
Conservou seu nome honrado.

Disse Cancão: — Essa honra
Não passa de palhaçada,
Porque o capitalista
Não olha a pessoa honrada...
Leve honra numa venda
E veja se arruma nada?

Disse a velha: — Não puxaste
A teu pai, que foi honrado;
Disse Cancão: — Deus me livre
Eu ter a ele puxado...
Se eu fosse como meu pai,
Estava também enterrado!

Ela, chorando, não pôde
Mais pronunciar um nome...
O Cancão de Fogo disse:
— Minha mãe está é com fome!..
Pois espere mais um pouco,
Que nesta casa se come.

Saiu, encontrou um velho
Que andava ali, perdido;
O velho era sertanejo
E ali, desconhecido,
Não sabia dum hotel
Onde fosse garantido.

O velho, muito usurário,
Não queria se arranchar
Em qualquer hotel decente,
Só com pena de gastar;
Dava preferência a um rancho,
Somente a fim de poupar.

Disse o Cancão de Fogo:
— Vossa mercê está perdido?
Me pegue que eu vou botá-lo
Em um lugar garantido;
Foi o hotel que já vi
De preço mais resumido.

— Eu vou contar uma estória:
Eu lá levei um freguês,
Era um mês que ia passar;
Foi tão bom, que passou três...
Quer saber quanto pagou?
Dez tostões por cada mês.

— Se me der cinco mil-réis
vamos, que está arranchado!..
A despesa é a que eu disse,
Lá não há preço alterado;
Leve os contos que tiver
Que lá, ninguém é roubado.

- 09 -

O velho disse, consigo:
"Esse assim vem me servir!..
É atrás desse que ando;
Para comer e dormir,
Só gastarei seis mil-réis
Daqui, para eu sair".

E saiu com o Cancão,
Com o mesmo a conversar;
Cancão mostrou-lhe uma casa
Disse: — É ali, pode entrar!
Dê-me o dinheiro que volto
Ver outro pra se hospedar.

O velho deu-lhe o dinheiro
E o Cancão saiu, danado;
Não procurou mais ninguém,
Foi logo para o mercado
Dizendo, com seus botões:
— Eu hoje como deitado!..

Gastou os cinco mil-réis,
Não ficou com um vintém;
Chegou em casa com tudo
E disse à mãe: — Aí tem...
Pode cuidar do almoço,
Por hoje, comemos bem!

A velha olhou para ele
Com a cara bastante feia;
Perguntou: — Foste comprar
Fiado, na venda alheia?
Disse Cancão: — Foi um frete,
Que levei para a cadeia...

- 10 -

A velha, aí, exclamou:
— Oh! Bruto, amaldiçoado!..
Além de seres ladrão,
És, de mais, até malvado;
Além de roubar o velho
Deixaste-o até enrascado!

Lançando mão duma vara,
Atacou ela em Cancão;
Cancão se fez, nas canelas
Disse: — De vara, isso não!
Eu não hei de ser, fiel,
Obrigado a ser ladrão!

O velho chegou na casa,
Julgando que fosse hotel;
Então, logo quando entrou,
Conheceu que era quartel:
E vieram ao encontro dele
Um cabo e um furriel.

O furriel perguntou-lhe:
— O senhor veio se entregar?
É, sem dúvida, criminoso
E vem ao júri se livrar!
O velho ficou de forma
Que nem podia falar.

— Ladrão! — exclamou o velho —
Traíçoeiro, desgraçado!
Disse o cabo: — Se sente,
Não precisa ter cuidado;
Porém, só pode sair
Com ordem do delegado!..

Então, esse caso deu-se
No centro da Capital;
O Cancão de Fogo disse:
— Se ficar aqui, vou mal...
Eu posso correr o mundo
E não gastar o principal.

O tio dele, sabendo
O que tinha se passado,
Foi na casa da mãe dele;
E ia, desesperado,
Dizendo que, de Cancão,
Inda seria vingado.

Cancão ganhou a estrada,
Da Paraíba a Goiana;
Passando por um partido
Entrou, chupou uma cana,
Disse: — Nessas condições,
Eu viajo uma semana!..

Largou-se, de estrada afora,
Sem direção, sem destino;
Quando chegou em Goiana
(Embora que pequenino),
Foi procurar uma casa
Que empregasse menino.

Empregou-se numa casa
Para vender tabuleiro,
A dez mil-réis por mês;
Disse ele: — Bom dinheiro!
Isso é quase um ordenado
Dum guarda-livre ou caixeiro...

Do serviço de Cancão
Tudo de casa gostava;
Muito fiel e esperto,
Aquilo não se encostava
E, do tabuleiro dele,
Um bolo não se roubava.

Ao cabo de sete meses,
O Cancão tinha juntado
Sessenta e quatro mil-réis;
Quase todo ordenado,
O dinheiro que ganhou
O tinha todo guardado.

Um dia, disse consigo:
— Minha mãe tem precisão...
Talvez não tenha mais roupa
E até lhe falte pão;
Vou mandar-lhe este dinheiro,
Ela me agradeça ou não!

Mandou-o pelo correio:
Mandou dizer onde estava
E o emprego que tinha,
A quantia que ganhava;
Então, mandou lhe dizer
Que todo mês lhe mandava.

Assim mesmo, pela velha,
Tudo tinha se arrumado:
Ela pensou que Cancão
Tivesse até melhorado;
Mas o tio, quando soube
Ficou como um cão danado.

- 13 -

E era irmão da mãe dele,
Essa fera inconsciente!
Só odiava a Cancão
Por ser ele inteligente
E os filhos desse monstro,
Brutos, desgraçadamente.

Havia ali um mulato
Chamado José Vaqueiro:
Um indivíduo ladrão,
Covarde e alcoviteiro;
Jurava o que nunca viu,
Por diminuto dinheiro.

Esse, tendo feito um roubo,
O Cancão de Fogo viu:
Foi logo ao delegado
E o roubo descobriu;
Por isso, o cabra foi preso
E a sentença cumpriu.

O tio de Cancão de Fogo
Julgou ir muito acertado:
Mandou, por José Vaqueiro,
Vir o Cancão escoltado,
Dizendo, com seus botões:
— Ele chega desgraçado!

Chamou o vaqueiro e disse:
— Dou-lhe parte duma história,
Vá ver Cancão em Goiana,
Está aqui a precatória;
Ele já lhe deve uma!
Tem mais, você está glória...

— A precatória que vai
Foi feita por escrivão;
O delegado assinou
O mandado da prisão:
A denúncia vai provando
Que o menino é ladrão.

— Ele descobriu seu roubo,
Você pode se vingar;
Ele fez você ir preso
E custou a se soltar:
Essa ocasião é própria
Para você desferrar.

O indivíduo saiu
Como uma fera tirana:
Levou chuva no caminho,
Pôs-se a tomar muita cana,
Foi cair embriagado
Num dos ranchos de Goiana.

O Cancão ia passando
E achou ele, deitado;
Disse aí, dentro de si:
— Este cabra vem danado...
O carcereiro, amanhã,
Terá mais esse apurado!

Meteu-lhe a mão na algibeira
E achou a precatória:
Era um protocolo enorme,
Duma medonha estória...
Disse Cancão: — Eu te arranjo
Um baile, de palmatória!..

- 15 -

Onde o Cancão dormia,
Tinha chaves enferrujadas
De portas de armazéns velhos,
Por ali depositadas;
Cancão limpou-as, dizendo:
— Hoje são aproveitadas!

Voltou e achou o cabra
Inda na mesma soneira;
Cancão tomou-lhe chegada,
Pôs a mão, muito maneira —
Trazia as chaves num molho,
Botou-lhe na algibeira.

Saiu, no mesmo momento,
Foi dizer ao delegado:
— Vi no rancho, de tal parte,
Um indivíduo deitado;
É ladrão e assassino
E três vezes processado!

— Anda com chaves que abrem
Qualquer porta de armazém
E, na casa aonde vai,
Não deixa nela um vintém!
Se não o prenderem logo,
Não escapará ninguém...

Então, foram lá no rancho;
Inda ele estava deitado,
Cinco chaves na algibeira
Foi visto por um soldado:
— O indivíduo é ladrão! —
Disse o praça ao delegado.

O indivíduo acordou,
Já debaixo do facão...
Falava, porém, ali,
Ninguém lhe dava atenção;
Ele, ali, calculou logo
Ser cilada de Cancão.

Daí a sessenta dias
Foi que veio justificar:
Levou sessenta e três surras,
Quase morre de apanhar;
Por um milagre de Deus,
Ainda pôde voltar.

O Cancão disse, consigo:
— Eu, aqui, sou descoberto;
Pedir a conta e sair,
Este é o plano certo!
Eu não quero que a polícia
Me ache de corpo aberto...

Devido a José Vaqueiro
Ter caído na prisão,
O comércio de Goiana
Fez um presente a Cancão:
Deu-lhe duzentos mil-réis
Como gratificação.

Cancão, antes de sair,
Fez duas cartas primeiro:
Uma foi para a mãe dele,
Mandando-lhe mais dinheiro;
Outra ao tio, dando lembrança
Que mandava Zé Vaqueiro...

- 17 -

Dizia, na carta do tio:
"Seu mordomo excelente
Eu apresentei-o, aqui,
Ao delegado, somente;
Foi para a casa da câmara,
Seguido por muita gente.

"Está na casa do governo;
Lá tem honras de sultão:
Soldados, ali na porta,
À sua disposição...
Se o senhor tivesse vindo,
Era mais satisfação".

Cancão pediu ao patrão
Licença de uma semana,
Pra visitar sua mãe
Que estava em Itabaiana,
Dizendo: — Ela não pode
Vir a pé até Goiana.

O patrão, aí, pagou-lhe
O resto do ordenado;
Disse Cancão: — Eu, agora,
Quero tomar mais cuidado...
Dormir pouco e andar muito,
Viver mais acautelado.

O tio de Cancão de Fogo
Veio cá, pessoalmente,
E provou, com documentos,
Que a prisão foi inocente;
Foram procurar Cancão:
Há um mês estava ausente...

O tio de Cancão de Fogo
Disse ao tal José Vaqueiro:
— Você siga, daqui mesmo,
Atrás daquele estradeiro;
O cabra disse: — Eu não vou,
Inda por muito dinheiro!

Quem sofreu o que eu sofri,
Não vai atrás de Cancão;
No meu lombo não tem lixa
Para limpar-se facão!..
Os dois meses de cadeia
Me serviram de lição.

Eu fui quem quase morro,
Com facão e palmatória!..
Os tormentos que passei
Me ficaram em memória;
Garanto que o seu sobrinho
Foi quem ganhou, na história.

Cancão embolsou o cobre,
Disse: — Vou dar um passeio!
O mundo é mole, sou duro:
O furo de meio a meio!..
Agora, vou ao Recife;
Vou ver se é bonito ou feio.

Cancão chegou em Goiana
Antes de dar meio-dia;
Chegou em Iguaraçu
Ao tocar a Ave-Maria:
Não quiseram dar-lhe rancho,
Pois ninguém o conhecia.

- 19 -

A polícia o encontrou,
Perguntou-lhe de onde vinha:
Disse ele: — Venho da casa
Da minha avó e madrinha...
Disse o subdelegado:
— Você está bom pra Marinha!

O Cancão, dentro de si,
Ficou bastante agitado
Mas, se mostrasse recusa,
la dormir amarrado;
Disse consigo: — Eu arrumo
Esse subdelegado!

Esse subdelegado
Era um alferes ambulante
(Sujeito metido a bom,
Porém, muito ignorante);
O Cancão disse, consigo:
— Este cai, num instante!

Disse Cancão: — Senhor tenente,
Era atrás disso que eu vinha!
Porque, até quando durmo,
Só sonho com a Marinha...
Por isso, já desgostei
A minha avó e madrinha.

— O senhor faz uma carta
A quem eu hei de falar:
Me ensine a rua, onde é,
Que é fácil eu acertar;
Disse o alferes: — Eu mando
Um soldado lhe levar!

— Inda é melhor para mim —
Disse, contente, o Cancão;
Peço a Vossa Senhoria
Para me dar um cartão,
Porque me arrumei bem
Com a sua proteção!

Foi Cancão à chefatura,
Mas nem se deu por achado
(No dito quartel, dormia
O tal subdelegado);
Por fortuna, nessa noite,
Da força tinha um soldado.

O alferes, confiado
Que ali estava garantido,
Armou a rede e deitou-se;
De toda roupa despido,
Ressonava como porco —
Estava do mundo esquecido.

O soldado, na tarimba,
Da mesma forma, dormiu;
O Cancão de Fogo disse:
— Esse sono me serviu!
Tirou a roupa de todos,
Abriu a porta e saiu.

Carregou as duas blusas —
Do alferes e do soldado —,
Calças, camisas, ceroulas,
Tudo isso foi levado;
Só ficou com o relógio:
O mais, botou no valado.

- 21 -

Às seis horas da manhã,
Encontrou ele um menino
(Um desses, que vem ao mundo
Por capricho do destino
E ao princípio da vida,
Triste como a voz do sino).

Cancão perguntou a ele:
— O que tens, que vens chorando?
Já te vão doendo os pés?
E te vejo, suspirando!
Respondeu ele: — Eu devia
Só viver me lastimando!..

— Fui um menino enjeitado,
Fui logo triste ao nascer...
Nem uma ave noturna
Tão triste poderá ser;
Eu sou igual ao deserto
Onde ninguém quer viver!

— Esse homem, que me cria,
Me maltrata em tal altura
Que nem um preso no cárcere
Sofrerá tanta amargura!
Não foi Deus, é impossível
Que me deu tal desventura.

— E para onde é que vais? —
O Cancão lhe perguntou:

— Eu vou daqui a dez léguas,
Que hoje ele me mandou;
E não me deu um vintém...
Veja em que condições vou!..

— Queres fazer como eu?
Já ficarás descansado...
O teu pai de criação
Talvez não tenha cuidado,
Pois só se tem prejuízo
Se o objeto é comprado!..

— Eu também, sou como tu!
Só não fui foi enjeitado;
Mas até por minha mãe
Eu sou bastante odiado...
Porém este mundo é grande
Eu hei de viver folgado!

— Como se chama você?
Respondeu: — Chamo-me Alfredo;
— Eu sou Cancão de Fogo,
Meu nome eu digo sem medo...
Tendo precisão, eu nego,
Porque em tudo há segredo!

— Quer ir comigo, acompanhe-me!
Faço-lhe observação:
Não há de insultar ninguém
E nem há de ser ladrão;
Ser esperto nos negócios,
Já isso é obrigação.

— Só furtarás uma coisa
Estando necessitado;
Se não quiserem lhe dar,
Tens o direito sagrado:
Aí, se rouba até Deus,
Se achar ele descuidado...

- 23 -

— Se um ladrão vier nos roubar,
Devemos procurar jeito
De roubar, a ele, primeiro;
Porém, roubá-lo direito!
Que, depois dele roubado,
Todos digam: "Foi bem feito!"

Disse Alfredo: — Pois vamos;
Porém, eu quero saber:
Nós, ainda tão pequenos,
De que podemos viver?
Disse Cancão: — Ora, bolas;
Vivemos do que-comer!

Agora, vamos saber
Como o alferes ficou...
Às sete horas do dia
Foi quando se levantou;
Gritou: — Acorde, soldado!
O menino nos roubou!..

O soldado deu um grito
Que o alferes se assustou
E perguntou: — O que foi?
O soldado suspirou,
Dizendo: — Tudo que eu tinha
Aquele infeliz roubou!

— Que faço? — disse o alferes
Nuzinho, sem poder sair;

— Se o governo souber disso,
Pode até me demitir...
Só não deserto, hoje mesmo,
Por não ter o que vestir!

Às quatro horas da tarde,
Ainda estava despido
E o chefe de polícia
Já tinha disso sabido;
Mandou ver preso, o alferes,
Que foi logo demitido.

Cancão chegou em Recife,
Cismado do que houve lá:
Soube que ia um vapor
Com destino ao Pará;
Disse em voz baixa: — Alfredo,
Vamos até o Ceará?

— Entremos, que ninguém veja!
Chegando a ocasião,
Que nos vejam sem passagem:
Você diz que é meu irmão;
O resto, é por minha conta,
Eu desenrolo a questão.

Entraram pelo resbordo
Sem a ninguém dizer nada.
Já perto do Ceará,
Foram, então, fazer chamada;
Cancão disse a Alfredo:
— Não conte estória furada!

Perguntou o comissário:
— Meninos, vocês quem são?
— Nós somos dois passageiros —
Respondeu, sério, Cancão;
— Passageiros sem bilhete?
Para onde vocês vão?

- 25 -

— Papai comprou as passagens
E mandou nos trazer cá.
— Em que vapor mandou ele?
Diz Cancão: — No Ceará;
Ele mora no Recife,
Mamãe mora no Pará.

— Este vapor é o Olinda,
O Ceará lá ficou!
Cancão exclamou, de forma
Que o comissário chorou:
— Maninho, a nossa roupa!
Ai, meu Deus, que jeito dou?

Perguntou o comandante:

— Menino, seu pai quem é?

Disse Cancão: — É fiscal

No Recife, em São José;

Minha mãe é professora

E se chama Salomé.

Perguntou o comandante:

— Como você é chamado?

O Cancão de Fogo disse:

— O meu nome é Romualdo.

— O nome do seu irmão?

Disse Cancão: — É Ronaldo.

Então, disse o comandante:

— Quando chegar a Belém,

Mando chamar sua mãe

E o delegado também!

Lá é que posso saber

O erro, de onde vem...

O comandante, fiado

Que eles eram do Pará,

Não os privou que saltassem

No porto do Ceará;

O Cancão de Fogo disse:

— Um burro, é o que vai mais lá!

Naquele mesmo vapor

A precatória seguiu,

Denunciando Cancão

Quando, no quartel, dormiu;

Porém, ia no correio

E o comandante não a viu.

Saltaram no Ceará.
Cancão ia, descuidado
E passou, casualmente,
Na porta do delegado;
Este disse: — Esteja preso!
Você foi denunciado.

— Você é o Cancão de Fogo,
Da Paraíba do Norte;
Você, lá, só faltou ser
Cúmplice em crime de morte!
O Cancão sorriu, e disse:
— Meu senhor, só sendo sorte...

— Sorte, porque? — perguntou
O homem, impressionado;
Disse o Cancão: — Já ali,
Por um subdelegado,
Nós dois já não fomos presos
Por papai ser empregado.

- 27 -

— E você tem pai aqui?
Diz Cancão: — Tenho acolá;
Diz o delegado: — Então,
Chame o seu irmão e vá:
Diga a seu pai que o chamo!
E seu irmão, fique lá.

Então, disse o delegado:
— Espere um pouquinho, aí;
Deu a bengala a Cancão,
Disse: — Leve isso ali —
Diga ao subdelegado
Que traga o seu pai aqui.

O Cancão saiu, sorrindo
E disse: — Estou arrumado!
Chegou onde estava o moço,
Deu-lhe o seguinte recado:
— Está aqui esta bengala
Que mandou o delegado.

— Ele ordena que eu
Diga, a Vossa Senhoria,
Que lhe mande cem mil-réis
Que ele já aparecia;
E mandou esta bengala,
Que o senhor conhecia.

O moço deu-lhe o dinheiro;
Cancão de Fogo voltou,
Disse a Alfredo: — Eu agora
Pensarei para onde vou;
A bomba demora pouco,
Se é que ainda não estourou!..

— Saíamos da Capital!
Ganhemos a capoeira,
Não havemos de passar
Em lugar que tenha feira;
Perder cem mil-réis, assim,
Não é boa brincadeira.

E voltou com a bengala,
Que tinha lindos anéis;
Disse Cancão: — Isto aqui
Vale quatrocentos mil-réis.
Porém, não me custou nada —
Eu a vendo até por dez!

Quando o delegado soube
Disso que tinha se dado
E que a bengala dele
O Cancão tinha levado,
Da raiva que teve ali
Quase morre asfixiado...

Dava duzentos mil-réis
A quem trouxesse Cancão;
Dava o valor da bengala
Como gratificação:
Chorava como criança
E rolava pelo chão.

Disse Cancão: — Procuremos
Um mato muito fechado;
Então, só devemos ir
Por onde tenha roçado,
Onde tenha milho verde
Que, à noite, coma-se assado.

- 29 -

O Alfredo tinha um jeito
Para os olhos revirar,
Que representava um cego
Que fazia até jurar;
Até um médico oculista
Era fácil se enganar.

E dava um jeito na boca
Que parecia aleijado;
O Cancão de Fogo disse:
— Agora, tenha cuidado!
Você vai para a cidade
Para ver o que é passado.

Alfredo foi à cidade
E lá viu o movimento:
Parecia um aleijado
E cego, dos mais nojentos;
Soube de tudo que havia,
Trouxe três mil e trezentos.

Cancão disse a Alfredo:
— Amanhã, vá preparado;
Converse com o vigário!
Mas, assim, como aleijado,
Pregue-lhe uma das minhas
E peça-lhe um atestado.

— Você diz: “Senhor vigário,
Venho aqui lhe consultar;
Minha mãe, antes da morte,
Me pediu para pagar
Uma promessa que fez
Para um santo festejar.

“Pedir, pelo mundo, esmola —
Exposto a todo rigor —
Para São Sebastião,
E entregar ao senhor;
Vossa Mercê não estando,
Eu fosse a outro pastor.

— Se ele der o atestado,
Já se vê que aí não há nada;
Você peça-lhe uma coroa
E a toalha emprestada:
Nós, com esses documentos,
Faremos boa jornada.

O Alfredo arrumou tudo
Quanto o Cancão esperava;
Disse o vigário, consigo:
— Atrás de ti eu andava!
Um conto de réis de esmola
O vigário projetava...

Então, deu-lhe o atestado —
Escrito com perfeição,
Com carimbo da igreja,
Feito por tabelião —,
De forma que só estava
De acordo com Cancão.

Mandou-lhe fazer três fatos
De luto, pra ele andar
E lhe disse: — Das esmolas,
Você não pode tirar!
Um vintém delas, não tire,
Sob pena de pecar.

- 31 -

Quando Alfredo chegou,
Cancão ficou satisfeito;
Deu-lhe um abraço, dizendo:
— És um menino direito!
Preste atenção aos mandados;
Tudo que faz é bem-feito!

Meia-noite, eles saíram;
Quando o dia amanheceu,
Dizia Cancão: — Neste mundo,
Não há mestre como eu!
Disse: — Nem o diabo pode
Escapar de laço meu.

Com seis dias de viagem,
Começaram a esmolar;
Cancão, aonde pedia,
Fazia a gente chorar:
A fim de dar uma esmola,
Eram capaz de furtaar...

A graça era quando eles
Chegavam num povoado:
O Cancão, com uma coroa,
la pedindo de um lado;
Então Alfredo pedia
Como cego e aleijado.

No Ceará não ficou
Uma só povoação
Que não fosse explorada
Por Alfredo e por Cancão
E nunca chegou o dia
Que gastassem um só tostão.

Sou forçado aqui, leitores,
A partir as aventuras
Desse quengo inteligente —
Esse rei das travessuras —,
Que já foi classificado
Campeão das diabruras.

Leiam o segundo volume
Desse livro apreciado
E vejam o que fez Cancão —
Depois de tudo arranjado —
Com o dinheiro das esmolas,
Deixando o padre danado.

FIM



O poeta paraibano **LEANDRO GOMES DE BARROS** (1865-1918), pioneiro na publicação de folhetos rimados, é autor de vasta obra — quase mil títulos, reproduzidos em centenas de tiragens —, sendo referido como principal ícone da Literatura de Cordel pelos colegas poetas, críticos e estudiosos do gênero. Não por outro motivo esta coleção se inicia pelos dois folhetos que contam a história do Cancão de Fogo — personagem arquetípico que certamente influenciou o modernista Mário de Andrade na criação do picaresco anti-herói Macunaíma (e que reaparece, mais recentemente, sob a ótica do dramaturgo Ariano Suassuna, na peça *O Casamento Suspeitoso*).

CLÁSSICOS DE OURO DA LITERATURA DE CORDEL
VOLUMES 1 e 2

A **Tupynanquim Editora**, desenvolvendo esta singular proposta de resgate dos grandes clássicos da literatura popular nordestina, em parceria com a **ABC-Academia Brasileira de Cordel**, vem agradecer efusivamente a colaboração do poeta e jornalista José Vidal Santos, bem como do repentista Geraldo Amâncio Pereira, respectivamente presidente e vice-presidente da ABC, pelo grande incentivo dirigido a este trabalho, expresso em suas atividades profissionais.

Max Krichanã, jornalista e tradutor

Fonte: a pesquisadora Ruth Brito Lemos Terra apresenta, em *Memória de Lutas: Literatura de Folhetos do Nordeste / 1893-1939* (Global, 1983), um fac-símile de *A Vida de Cancão de Fogo e seu Testamento*, editado por LGB em 1906 e pertencente à coleção particular de M. de A.



CAIXA POSTAL 717 — Agência Central — CEP 60001-970

Fortaleza — Ceará — Brasil

Tel.: (85) 217-2891 — E-mail: tupynanquim@ibeuce.net



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).